

Haploides: do preconceito à relação da vida pela arte

Haploid: relation to the prejudice of life for art

Tânia Regina Rossetto¹

Alethéia Alves da Silva²

Resumo: A partir dos ensinamentos de Harold Rosenberg este artigo explora as potenciais relações entre Arte, Biologia e Sexualidade através da metafórica imagem do “haploide.” A questão colocada foi a seguinte: Qual o papel da arte na vida humana? As ideias de Rosenberg demonstram que arte não trata apenas de beleza e contemplação, mas remete-se também à relação entre os indivíduos, às contradições da vida. Na performance estende-se para o diálogo entre o artista e a audiência. A discussão do autor aborda: o efêmero e a liberdade na arte, e a vida e a morte na Biologia. Reprodução sexual, células haploides, e preconceito sexual são também discutidos pelo autor. A conclusão é de que a arte reside numa rede de problemas, ansiedades e incertezas que implicam numa realidade que existe para além do dia a dia e que está em constante movimento por novas direções.

Palavras-chave: Arte; Biologia; Sexualidade; Harold Rosenberg; Haploide.

Abstract: Based on the teachings of Harold Rosenberg, this paper explored potential relationships between art, biology, and sexuality, through the metaphorical image of the “haploid.” The question was posed: What is the role of art opposite human life? Based on the ideas of Rosenberg, the author contends that art is not only beauty and contemplation, but is also the relationship between individuals. The author contends also that art reveals the contradictions of life itself, and in performance is the dialogue between the artist and the audience. In the discussion, the author touches on: ephemerality and freedom within art, life and death as per biology. The author also discusses sexual reproduction, haploid cells, and veiled prejudice towards sexuality. The author concludes that art resides within a web of problems, anxieties and uncertainties, which reference a reality that exists beyond the everyday, and is constantly moving in new directions.

Keywords: Art; Biology; Sexuality; Harold Rosenberg; Haploid.

1. A origem

Buscamos os conceitos formando redes de relações possíveis, selecionamos os materiais que melhor se adequavam à proposta, fizemos um reconhecimento do local e traçamos o percurso de criação. O que realmente nos surpreendeu, contudo, foi o contato do público com a obra. Constatamos que “a ação existe no objeto transformado, plasmado e deslocado para o espaço da reflexão, mas “para espíritos estreitos, a

¹ Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Professora da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: taniarossetto@yahoo.com.br

² Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Maringá (2005). Mestre em Ecologia Conservação e Manejo da Vida Silvestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009). Graduação em Artes Visuais (Licenciatura) pela Universidade Estadual de Maringá (2015).

presença de uma contradição invalida tanto a descrição quanto o objeto descrito. Contudo, é justamente por seus aspectos contraditórios” que a arte compartilhada com outras formas de ação e pode provocar reflexões. (ROSENBERG, 2004, p. 51).

Nesse sentido, a problemática que direciona o trabalho embrenha-se pela busca dos problemas na arte: Onde estão os problemas? Qual o papel da arte frente à vida humana e suas contradições?

Objetivamos lançar tais questionamentos em direção ao público por meio da arte: provocando o olhar e desvelando preconceitos e dificuldades em relação às discussões desenvolvidas no III Simpósio Internacional de Educação Sexual – III SIES, ocorrido em abril de 2013 na Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná.

A provocação foi aceita e o título do trabalho foi arrancado da parede no decorrer do evento, sem maiores explicações. O olhar enviesado das pessoas ao passarem pela instalação foi frequente durante a montagem e, nos três dias de duração do evento, o problema estava exposto.

A metodologia utilizada passou da fundamentação teórica ao processo criativo, através da ação e da reflexão, o que gerou novas ações na concepção da obra. No percurso do trabalho, abordamos a efemeridade e a liberdade da arte, o processo da criação artística, os conceitos de vida e de morte discutidos a partir da reprodução sexuada e das células haploides e o preconceito em relação à sexualidade. Por fim, apontamos a necessidade de novos rumos atentos às múltiplas faces que o contato com a arte oferece.

2. Da efemeridade da arte

O contato com a arte é efêmero, a própria arte em si é efêmera e, por vezes, os preconceitos perduram, perpetuam de uma geração a outra, resistindo à efemeridade da própria vida humana. Entendemos o efêmero como a visualização de possibilidades, como novas interpretações, fendas que deixam entrever e criar novas realidades. A vida é efêmera, a morte também o é. Tal conceito remete aos apontamentos de Rosenberg (2004) sobre a arte considerando sua efemeridade ou ansiedade de existir como arte.

Em nosso tempo, a arte detém qualidades filosóficas incorporadas ao processo de criação. Ela é questionada gerando ansiedade, é colocada em dúvida em relação à sua grandeza. O artista contemporâneo pode se igualar a tal grandeza? Nesse sentido, a arte pode ser elevada ao nível da história da humanidade, enquanto algo indefinido no processo de construção da própria vida humana e pode ser superada por novas ações. Percebemos que “o objeto de arte, inclusive as obras-primas do passado, vivem sob a constante ameaça de deturpação e perda de identidade. Não existe, hoje, nenhum critério consensual para a identificação de uma obra de arte, exceto por sua inclusão na história da arte” (ROSENBERG, 2004, p. 20-21).

Seguindo tais reflexões, a arte é definida à sua maneira, através de seus conceitos efêmeros, passageiros. O objeto artístico persiste na determinação dos artistas, em especial, pelos que vieram depois da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918). A arte não é mais uma classificação de objetos, mas é definida por ações intelectuais de quem a plasma. Assim, “a arte não existe: ela se auto-proclama” (ROSENBERG, 2004, p. 21).

Nessa busca pela existência, podemos afirmar que há uma luta constante pela liberdade nos percur-

tos da arte.: os impressionistas libertaram a cor, a arte moderna, a forma e o desenho. A arte de vanguarda conquistou a liberdade e o conceito de arte é revirado e reconstituído, enquanto suas ações artísticas se destacam em meio às outras formas de produção social e acadêmica.

Mas para além de tal liberdade conquistada, observamos, hoje, que o artista segue os mesmos passos de outros profissionais. Suas criações são executadas de acordo com a visão de críticos, donos de galerias ou colecionadores, atendendo às normas pré-concebidas a uma arte projetada em viés absoluto. Nesse sentido, a arte não apresenta ansiedade, desconforto, não se desenvolve pelo confronto com a realidade e suas condições. É algo pensado, dirigido, renunciando a liberdade que animava a arte do século XX e vem como destino de uma realidade que não pode ser contestada. (ROSENBERG, 2004, p. 23).

Mas a arte que destacamos apresenta um risco ilimitado, indicando caminhos, por vezes, contraditórios, incontroláveis e que são moldados no processo de criação da obra ou mesmo do público envolvido. São arenas de forças em conflito. Tanto o artista quanto o público são impelidos a escolhas permanentes, pois a arte é algo em constante expansão, desde que lançada em terreno fértil da imaginação humana.

Temos a convicção de que a arte não poderá mudar em relação à sua condição efêmera de existência, “mas a luta para preservar o encontro direto entre o artista e o espectador sem dúvida vai continuar, de uma forma ou de outra” (ROSENBERG, 2004, p. 97).

3. O processo de criação: haploides

Decidimos por uma instalação artística. “A Instalação é um espaço imersivo criado, em muitos casos, apenas para um local específico [...] Inicia-se com as primeiras experimentações modernistas estabelecidas por Kurt Schwitters (Merzbau – 1923) e Marcel Duchamp (6 milhas de fio – 1942).” (IA/UNICAMP, 2008). Na contemporaneidade, dialoga com diversas outras linguagens, como as intervenções urbanas, e estabelecem um contato indissociável entre o espectador e a obra. O que permeia os conceitos da instalação é que a arte precisa ser percebida em todos os seus aspectos, evocando todos os sentidos humanos.

O título da instalação foi plasmado: *Haploides*. Utilizamos fios de nylon, fita adesiva transparente e bexigas do tipo palito, emolduradas nas formas sintéticas de genitálias masculinas e femininas, pendentas a partir do teto. Atribuímos o trabalho ao curso de Artes Visuais do qual fazemos parte, por entender que as ações são, de certa forma, coletivas.

Buscamos estabelecer relações entre as células haploides (espermatozoides e óvulos) e a representação tridimensional de partes dos órgãos sexuais feminino e masculino (pênis, vagina, testículos, clitóris, pequenos e grandes lábios), moldadas em bexigas. Uma das intenções do trabalho foi tratar o tema de forma lúdica, conforme ilustramos na Figura 1 e na Figura 2:

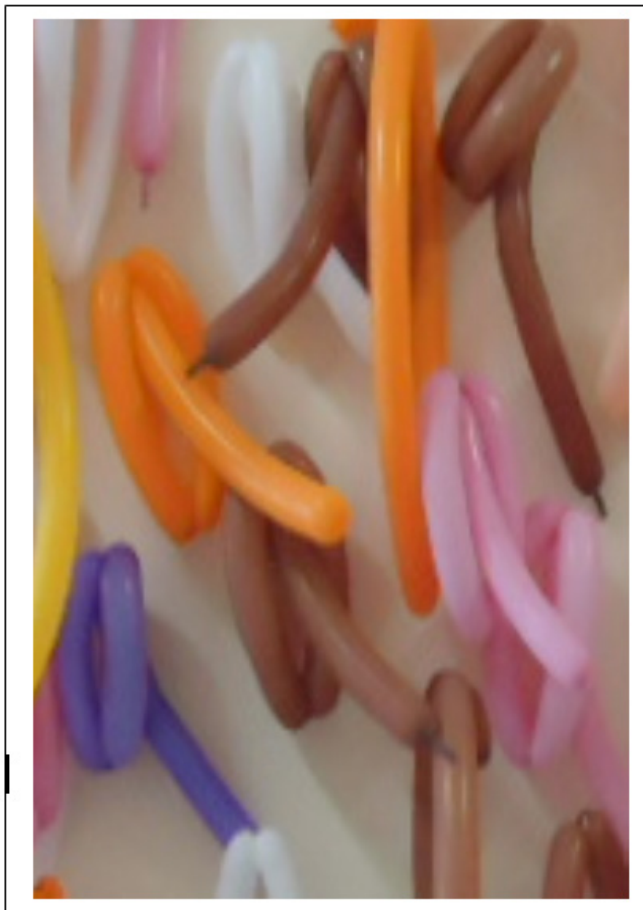


Figura 1 - Órgão sexual masculino.
Arquivo das autoras, 2013.

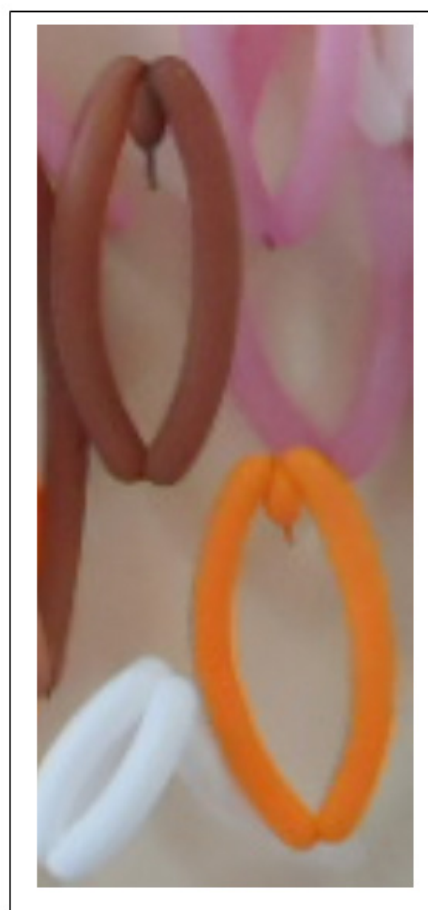


Figura 2 - Órgão sexual feminino.
Arquivo das autoras, 2013.

Comentários e relações foram estabelecidos durante a montagem da instalação: o próprio ato de inflar as bexigas com a bomba remeteu aos movimentos do ato sexual, e o material da bexiga, aos preservativos. À medida que as esculturas eram moldadas, achávamos graça das formas, brincando e rindo como crianças. No decorrer do processo, foram percebidos: a curiosidade, a provocação, o devaneio, o incógnito, o recalco, a memória, a imaginação.

Algumas pessoas, ao passar pela montagem da instalação, abaixavam a cabeça. Vez ou outra, também abaixávamos a cabeça e ríamos baixinho da reação do público. Uns diziam: “Que lindo!”, outros questionavam: “O que estão fazendo?”. Uma pessoa, ao passar por nós, pergunta: “São pintos o que vocês estão fazendo?”. Sim, respondemos: “São órgãos sexuais femininos e masculinos: esculturas de pênis e vaginas”. A pessoa observou as formas moldadas e comentou sobre a hipocrisia dos que não falam sobre as questões sexuais de forma explícita, utilizando formas pejorativas e jocosas de comunicação.

Além das bexigas, um texto fictício baseado em conceitos científicos serviu como porta de entrada para as interpretações. Era, de fato, parte da crítica ao reducionismo simbólico em relação à educação sexual. Esta é, por vezes, reduzida às representações ainda polemizadas dos órgãos genitais e ao conceito de haploidia, que justifica sua funcionalidade genética, de acordo com a Figura 3:

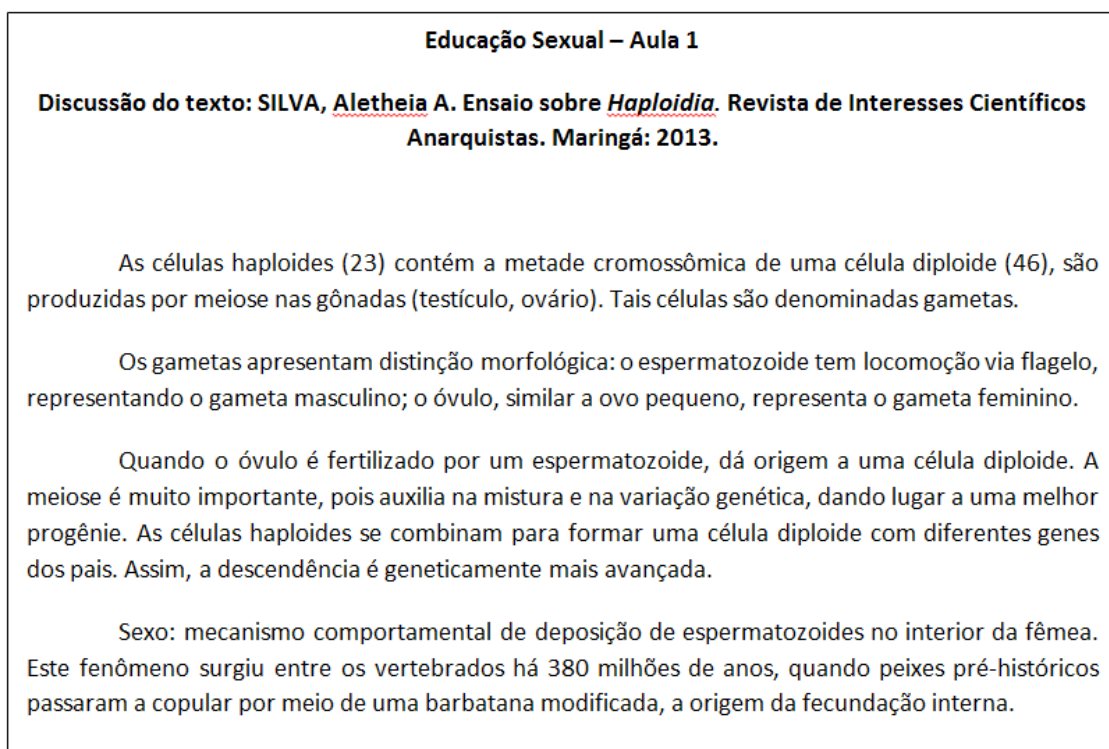


Figura 3 – Educação sexual. Arquivo das autoras, 2013.

O texto foi apresentado como o layout dos periódicos científicos, demonstrado como mediador para uma suposta aula de Educação Sexual. A intenção foi suscitar o poder simbólico relacionado à linguagem científica que confirma determinados preconceitos e condutas enraizadas no senso comum e reducionistas.

Entre o abstrato e o figurativo, a força e a leveza em movimentos tênues, os sentidos podem ser mudados por finalidades diferentes. Contruímos formas e posições ao acaso que incitam a imaginação. Percebemos e experimentamos, na instalação *Haploides*: um sobre o outro, embrenhado, entremeadado, solto, misturado, correlato como corpos justapostos ao acaso no ar, um ser do outro, um ser o outro, aliando a vivência da arte com a reflexão sobre ela. A arte é um componente ineludível, que desperta a emoção do belo, um olhar provocativo que causa êxtase, asco ou incômodo. O público se mostrou incomodado, buscando metamorfoses e novas formas de olhar, outras direções, outras percepções provocadas pela instalação na Figura 4.



Figura 4. Haploides. Instalação. Bexigas, nylon, fita adesiva. Arquivo das autoras, 2013.

4. Vida e morte: preconceito

No início da vida no planeta, cerca de 5 bilhões de anos atrás, “todos os seres vivos possuíam não mais que uma célula [...] são as bactérias, pequenas esferas que medem aproximadamente um milésimo de milímetro” (REINACH, 2010, p. 85). As bactérias possuem um ciclo de vida bem simples, mas podem se dividir indefinidamente sem que haja a morte. “Nesse mundo, não existe sexo; as células não precisam de parceiras para se reproduzir. A morte não existe, é provocada por acidentes: por exemplo, quando uma célula seca ao sol ou o alimento acaba. A morte causada pelo envelhecimento não existe” (REINACH, 2012, p. 86).

Segundo Reinach (2010), a morte se estabeleceu no planeta Terra há 2 bilhões de anos e está intimamente ligada à reprodução sexuada. Nós, seres humanos, somos multicelulares, ou seja, somos constituídos por mais de uma célula, organizadas em grupos com funções específicas. Um desses grupos “destina-se a reprodução: as células germinativas, cuja função é fundir-se com as células de outro organismo e produzir um novo ser vivo. São nossos óvulos e espermatozoides” (REINACH, 2012, p. 86).

O sexo e a morte programada são incluídos no ciclo da vida. De acordo com Reinach (2010), após garantir a sobrevivência das células reprodutivas até o nascimento dos filhos, os demais grupos celulares do organismo humano perdem sua função, envelhecem e morrem.

Nesse sentido, o ato sexual remete à morte. Esse conceito pode ser ampliado a partir dos estudos da psicanálise freudiana sobre a pulsão de morte, considerando, por um lado, os aspectos mortificantes e conservadores de tal campo e, por outro, seus aspectos criativos, como o trabalho de sublimação possível pela arte. Segundo Prata (2000), Freud (1920-1975) busca referências na Biologia para discutir a pulsão de morte, inferindo aproximações no que se refere aos aspectos mortificantes e criativos. Esses aspectos são conferidos pela relação entre a soma mortal e plasma germinal, na biologia, e pulsão de morte e pulsão vital na psicanálise.

Destacamos, ainda, que o “sexo” pode remeter ao nascimento de uma nova vida, aos filhos ou ao prazer da união dos corpos. Estudos indicam “que o ato sexual e o desenvolvimento interno dos filhotes tenham surgido nos vertebrados há mais de 380 milhões de anos” (REINACH, 2010, p. 90), quando peixes pré-históricos passaram a copular por meio de uma barbatana modificada, dando origem à fecundação interna.

O termo haploide se designa às células reprodutivas que, por meio da reprodução sexuada, unem-se e formam um novo indivíduo. A reprodução sexuada exige um parceiro disposto a contribuir com 50% de seus genes, sendo assim, as células haploides (23) contêm a metade cromossômica de uma célula diploide (46).

As células haploides são produzidas por uma divisão celular específica, a chamada meiose. O local de seu acontecimento fica nas gônadas, que correspondem aos testículos e ovários nos humanos. Tais células são denominadas também de gametas: espermatozoides e óvulos. Os gametas apresentam distinção morfológica: o espermatozoide tem locomoção via flagelo, representando o gameta masculino; o óvulo, similar a ovo pequeno, representa o gameta feminino.

Quando o óvulo é fertilizado por um espermatozoide, dá origem a uma célula diploide. A meiose auxilia na mistura e na variação genética, dando lugar a uma melhor progênie. Assim, podemos conjecturar que a descendência é geneticamente mais avançada. Segundo Reinach (2010), o limite do narcisismo humano é a reprodução sexuada e nunca poderemos transmitir todos os nossos genes a nossos filhos.

Existe uma tendência de pensamento sobre os genes como determinantes dos comportamentos e formas de existência humanas., Isso não é diferente em relação ao sexo dos animais. O determinismo reducionista biológico defende variáveis genéticas, anatômicas, fisiológicas e bioquímicas como as principais causas de uma ação, ignorando ou minimizando o papel de outros níveis, como o cultural e histórico. Esse tipo de explicação molecular ganhou força em nossos dias através de alguns exageros provenientes da linha de investigação sobre o Projeto Genoma: os genes como agentes autônomos e, igualmente, onipresentes e oniscientes no que se refere à causalidade comportamental. O sexo reduzido a um mecanismo, ato repetitivo, particularidade cromossômica, junção de gametas.

Para a Biologia, o sexo corresponde a um mecanismo comportamental de deposição de espermatozoides pelo macho no interior da fêmea. A biologia evolutiva traz interpretações relativas ao comportamento sexual animal que, para além do determinismo genético, apresenta os macacos bonobos (*Pan paniscus*) como os potenciais representantes do sexo como forma de organização social.

Os bonobos tem parentesco comum aos humanos, em mesmo nível que os chimpanzés (*Pan troglodytes*), famosos por comportamento violento desde o nome científico. Eles têm em comum um ancestral

mais recente em relação ao ancestral humano. (DAWKINS, 2010).

Segundo a primatologista Franz de Waal apud Dawkins (2010), o chimpanzé resolve as questões de sexo com o poder, enquanto os bonobos resolvem as questões de poder com o sexo. Em outras palavras, os bonobos usam o sexo como meio de troca na interação social, recorrem à cópula, ou gestos da cópula, para apaziguar, afirmar dominância e consolidar laços com outros membros do grupo.

O exemplo dos bonobos nos permite inferir a seguinte questão: o comportamento desses animais demonstra a complexidade em que o ato sexual se insere, sendo que o seu uso não tem o sentido estritamente reprodutivo. Geralmente, as questões relacionadas ao sexo são abordadas de forma superficial no âmbito escolar e limitam-se às aulas da disciplina de Biologia.

A Educação Sexual é abordada na contemporaneidade como tema interdisciplinar ou mesmo transdisciplinar a ser desenvolvido na escola, por vezes confrontando e/ou comportando conceitos determinísticos do reducionismo biológico. A consolidação de uma formação em Educação Sexual é possível a partir dos construtos de uma nova perspectiva científica.

Tal perspectiva não se afirma por uma cientifização dos discursos sobre o sexo ou a sexualidade, mas preza por uma emergência de propriedades na estruturação da ciência como um todo. Somos conscientes de que, por muito tempo, as ciências rígidas embasaram os discursos da modernidade, enquanto a primazia das Ciências Biológicas e Exatas pressionava as produções provindas das Ciências Sociais e Artísticas. A Antropologia e a Sociologia, por exemplo, justificaram-se nas premissas da Biologia Evolutiva para se fortalecerem em veracidade científica.

Pensar a Educação Sexual exige uma abertura científica contemporânea, na qual se articulem os temas da sexualidade e do gênero como linhas de pesquisa da pós-modernidade. Também é preciso que as diversas facetas da cultura sejam estudadas em sua totalidade e não na observação falsamente inerte do cientista ou pesquisador moderno.

Retomando a discussão desenvolvida no subtítulo referente ao processo criativo, reiteramos a peculiaridade do texto explicativo na instalação. O nome da suposta revista científica citada, Revista de Interesses Científicos Anarquistas, considera as possibilidades epistemológicas para a ciência contemporânea, remetendo à produção do filósofo Paul Feyerabend (1924-1994), que argumenta a ciência como um empreendimento essencialmente anárquico (referência).

O anarquismo parece apontar a ação e o engajamento do pesquisador, a potencialidade de realização científica, desmistificando justificativas cientifizantes:

para os que examinam o rico material fornecido pela história e não tem a intenção de empobrecê-lo a fim de agradar a seus baixos instintos, a seu anseio por segurança intelectual na forma de clareza, precisão, objetividade e verdade, há apenas um princípio a ser defendido, o princípio anárquico do tudo vale (FEYRABAND, 2003, p. 43).

Os estudos em Educação Sexual emergem a partir de engajamentos históricos, que consideram a cultura e os contextos sociais, inserindo a discussão sobre o sexo como material investigativo essencial do processo científico aberto, possível na contemporaneidade.

Para além do âmbito estritamente científico, que induz a formação do senso comum sobre as reali-

dades do mundo, os temas da Educação Sexual permitem a abertura de perspectivas em sua complexidade, não como ambiente neutralizante, estéril e padronizador de conceitos, mas como espaço permeável à cultura.

5. O recomeço: discussões possíveis

Rosas, azuis, brancos, laranjas, em sua transparência e leveza, caem aos cachos em fios de nylon esvoaçando formas provocativas e brincalhonas. O ar permeia os movimentos sutis e as formas consomem-se, projetam-se, fundem-se em efemeridade constante. Cada movimento é provisório, são momentos que insinuam diálogos, trazendo vozes inaudíveis, sufocadas pela intolerância e pela não aceitação do outro e de nós mesmos.

O espanto diante das formas representativas dos órgãos sexuais (pênis, testículos, vagina, clitóris, grandes e pequenos lábios) remete ao espanto e ao preconceito, pelo falso pudor e pela falta de conhecimento que permite comover-se com a perfeição humana para além dos pensamentos e ações preconcebidos. Afirmamos que tal visão é possível pelas contradições inerentes à própria vida humana.

Talvez o que tenha gerado incômodo e ironia tenha sido brincar com as formas e materiais, bexigas geralmente utilizadas para montar personagens em festas infantis, num misto de convite à brincadeira e ao contato íntimo com o nome científico dos órgãos sexuais. Não conversamos com nossas crianças, não conversamos entre adultos, falamos de forma pejorativa: “fazedor de xixi”, “perereca”, “rola”, “perseguida”, “cobra”, “pica”, “pinto”, “caralho”, “buceta”, nomes bem característicos nas portas dos banheiros públicos. A simples menção do termo científico parece algo proibido, vergonhoso, difícil de falar: pênis, vagina, saco escrotal, clitóris, grandes e pequenos lábios são dizeres, por vezes, incomuns.

Ao perder o controle, recuamos para o espaço do conceito, explicamos cientificamente os motivos e intenções e direcionamos a forma de olhar e de perceber. Mas os propósitos também foram contrariados, o intuito de reflexão tornou-se alvo de críticas, mas, nem por isso, menos reflexivo. Plasmou-se uma reflexão às avessas, por vias marginais, anárquicas e provocativas, quase um descompasso criativo. O intuito foi alcançado: houve espanto, olhares enviesados, menções à loucura e à ousadia, desejos de destruição que podem ser remetidos à necessidade de mudanças em relação a conceitos enraizados e nocivos em sua intolerância.

Concluimos que a arte é uma trama de problemas, de incertezas e ansiedades, produzindo o diferente no qual ações podem ser refletidas e modificadas. Produz novos começos onde “o que conta é descobrir os obstáculos a vencer – esta é a grande descoberta e o ponto de partida da metamorfose” (ROSENBERG, p. 24, 2004). Assim, nossa pretensão foi permitir novos começos, abrindo espaço para o universo invisível existente em nós, percebido na relação com o outro.

REFERÊNCIAS

DAWKINS, Clinton Richard. **A grande história da Evolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEYERABAND, Paul Karl. **Contra o método**. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

IA/UNICAMP. **Conceitos preliminares de instalação artística**. Disponível em: <<http://www.iar.unicamp.br/dap/instalacoes/conceitos.html>> Acesso em 01 de maio de 2014.

PRATA, Maria Regina. **Pulsão de morte**: mortificação ou combate?. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, Dec. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982000000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Sept. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982000000200007>.

REINACH, Fernando. **A longa marcha dos grilos canibais e outras crônicas sobre a vida no planeta Terra**– São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ROSENBERG, Harold. **O objeto ansioso**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.